

## REVELAÇÕES DO OLHAR EM TEMPOS DE PANDEMIA

*REVELATIONS OF THE VIEW IN PANDEMIC TIMES*

Maria Esther FERNANDES  
Socióloga, Livre-Docente UNESP Franca  
[mesther2009@gmail.com](mailto:mesther2009@gmail.com)

Recebido em 06/2020 – Aprovado em 04/2021

### *Resumo*

Este texto chama atenção ao imperativo de aguçarmos a sensibilidade para enxergarmos além do que salta aos olhos. Lança mão do que foi registrado por cientistas sociais, literatos e jornalistas, levando-nos a refletir sobre questões cruciais que marcam nossa época e afetam a vida de milhares de pessoas excluídas dos bens criados pela civilização tecnológica, os quais deveriam estar ao alcance de todos. O abismo existente entre pobres e ricos tornou-se mais evidente. A xenofobia se acentuou. Neste contexto, ganha força o fato de que as mortes causadas pela pandemia da Covid-19 sejam mais numerosas entre os que vivem à margem da sociedade.

Palavras-chave: Desigualdade social; preconceito; excluídos; xenofobia; Covid-19.

### Résumé

*Unimpératif d' aiguisement de la sensibilité a find'aller au-delà de ce qu'ils aient eux, viola vers qu'oie texte veu tattrir l'attention. Il a recours à qu'on tregistré chercheurs en sciences sociales, écrivains et journalists en nous portant à réfléchir sur les questions cruciales qui marquent notre époque et affectent la vie de milliers de personnes privées des biens créés para la civilisation technologique, ceux-cimêmes qui devraient se trouver à portée de tous. L'abîme existante entre pauvres et riches s'est fait plus évident. La xénophobie est accentuée. Dans ce contexte, le fait que les morts causées par la pandémie Covid 19 soient plus nombreuses par mille que qu'ivivent en marge de la société se renforce.*

**Mots-clefs :** *inégalité sociale; préjugés; exclus; xénophobie; Covid-19.*

---

Ao longo da carreira acadêmica, a pesquisa de campo exerceu sobre mim verdadeira fascinação. Ela oferece uma gama muito rica de vivências e situações ao pesquisador que, como o artesão, vai tecendo os fios das teorias, das técnicas e da epistemologia, aguçando sua percepção e sensibilidade, de modo a ver além daquilo que está à frente, de enxergar o que até então não se revelara diante de seus olhos. Seu trabalho consiste não apenas em reproduzir o que o olhar captou do real, mas em tentar ir mais longe, recorrendo a imagens captadas por seu olhar interior.

O belo filme de Edward Yang, "As coisas simples da vida", lança-nos uma questão acerca do caráter parcial, subjetivo e ambíguo do nosso olhar. O invisível como complemento do visível é o elemento que guia o filme como um todo. Numa cena memorável, o pequeno Yang-Yang

pergunta ao pai se é possível ver inteiramente aquilo que está à nossa volta, ou apenas a metade: "Papai, eu não vejo o que você vê e você não vê o que eu vejo. Como posso saber o que você vê? Eu só posso ver a frente das coisas, não a parte de trás, então, só posso conhecer a verdade pela metade, não?" Sem esperar pela resposta, sai fotografando as pessoas de costas, "para que elas possam ver além daquilo que está à sua frente".

Por esta senda, tateando em torno de tema tão rico e sinuoso, ficam reiteradas as dificuldades de fazer falar o que não tem palavra, de traduzir, nos limites da escrita, "indizível" em "dizível", conforme nos ensinou Maria Isaura Pereira de Queiróz.

Ítalo Calvino (1990), reportando-se às singularidades da literatura, no capítulo Exatidão, de sua obra mais conhecida, refere-se ao esforço das palavras para dar conta, com a precisão possível, do aspecto sensível das coisas. "*Diante da densidade e complexidade do mundo que nos rodeia, a linguagem se revela lacunosa, fragmentária, diz sempre menos com respeito à totalidade do experimentável.*"

Lembrei-me dos poetas que teceram considerações sobre a palavra. Cecília Meireles fala de sua força e de sua fragilidade. "Fragil, frágil como o vidro e mais que o aço poderosa". Borges, de passagem pelo Brasil, em agosto de 1984, a convite da Folha de São Paulo, afirmou:

"Embora a linguagem seja aquela através da qual Shakespeare escreveu seus poemas, é limitada para descrever cinco minutos densos da vida".

A palavra e seus limites, sua fragilidade e seu poder, e minha dificuldade, neste momento, de expressar em pensamento o que sinto. Penso e repenso: escrever sobre o quê? Nesta sociedade da velocidade da informação, do capitalismo

“pós-humano”, conforme bem a define Olgária Matos (2003), o que despertaria o interesse e a sensibilidade dos leitores? No que se reconheceriam?

Com o passar dos anos e com a depuração do olhar, reconheço que rever aquilo que foi registrado por filósofos, poetas, escritores, jornalistas e especialistas de áreas diversas – recortes ciosamente guardados ao longo do tempo –, além de nos proporcionar uma releitura do que foi registrado em determinada época, faz com que detalhes não percebidos anteriormente saltem aos olhos, desencadeando uma nova compreensão de episódios e circunstâncias.

Pela primeira vez, a noção de “mundo”, por assim dizer, se contraiu. As mazelas não mais estão circunscritas aos flagelos vividos por migrantes e refugiados, fugindo de uma guerra ou de uma situação econômico-social insuportável, excluídos dos bens que a civilização tecnológica criou e que deveriam estar ao alcance de todos. O abismo existente entre pobres e ricos tornou-se mais evidente. A xenofobia se acentuou. Tempos difíceis para todos nós. Fantasmas a nos rondar diuturnamente.

A respeito das migrações, AtiqRahimi (Ilustríssima, 10/06/2018, p.10), escritor e cineasta de origem afegã, refere-se à galeria de fotos em seu ateliê, onde estão expostos seres imobilizados em sua errância. Seres banidos, caçados, perdidos, *“mosaicos de rostos e de corpos – conhecidos ou desconhecidos (...) todos, como eu, condenados pela História à incerteza do exílio”*.

Só abandonam a terra natal, “pisando saudades calcadas no chão”, quando a percepção da precariedade de sua existência e da pauperização crescente passam a ser vistas como permanentes. Fica claro que a capacidade de resistência (não apenas física), sem a qual não se sobrevive, está

presente “desde o berço”, é parte intrínseca da existência, marcada por severas privações, condenada a lutar cotidianamente para a obtenção dos “mínimos vitais”. Reveladora dessa situação, ouvi certa vez, de um velho caboclo do Noroeste Paulista, a frase: “Meu pai dizia sempre: a gente que é pobre, meu filho, para viver tem de aprender desde cedo a engolir um boi pelos chifres”.

Partem dispostos a aceitar humilhações e condições degradantes de trabalho e de vida. Clóvis Rossi (Folha de São Paulo, Opinião, 16/04/2008), sob o título “Os novos escravos”, relata cena presenciada durante almoço no Zio Ciro, cantina típica de Roma. E prossegue: enquanto um casal se dirige ao caixa para pagar a conta, a dona do restaurante pergunta ao garçom o número da mesa que ocupavam. Ela grita: “Que mesa, que mesa? É surdo?” Até o casal fica constrangido. O rapaz, atarantado, dá a impressão de querer ficar invisível. É imigrante, cor negra, mas não da África. Do subcontinente indiano, talvez Bangladesh ou Sri Lanka. A mulher trata-o como trapo, o mais próximo de um escravo que uma branca do século 21 possa ter em pleno coração da Europa. E conclui Rossi: “Só pode haver algo de errado em um mundo em que tantos fogem para a esperança, mas encontram apenas o medo”. Em outro registro feito em Veneza (Folha de S. Paulo, A12 16/02/2017), na Trattoria Canônica, ressalta que o “migrante deixa para trás o inferno que habita, mas a saga não termina nem ao chegar ao paraíso sonhado”.

Voltando o olhar para Ribeirão Preto - SP, que dista 312 km da capital, em pesquisa predominantemente qualitativa, realizada no âmbito do Programa de Políticas Públicas da FAPESP, de agosto de 1999 a novembro de 2003, sob minha coordenação, o objetivo fundamental foi compreender aspectos da vida e luta das camadas periféricas que habitam três bairros da

cidade: Conjunto Habitacional Avelino Alves Palma, Conjunto Anhanguera (aí incluída a favela do Zara) e Jardim Progresso. Cumpre registrar a valiosa colaboração do Professor Sérgio Adas, geógrafo, filósofo e membro componente da equipe de pesquisadores, na coleta dos dados de campo no Jardim Progresso.

O local onde se encontra hoje o Jardim Progresso esteve abandonado pelo Poder Público Municipal durante 28 anos, tendo sido “lixão” e permanecido como tal até 1994. Ocupado por 127 famílias de trabalhadores sem-teto em fins de agosto de 1996, não dispunha, na ocasião, de mínima infraestrutura. A área por eles ocupada correspondia a 66,16% dos 560.000 m<sup>2</sup> pertencentes ao Horto Florestal Municipal de Ribeirão Preto. Transcorridos cinco anos, constatou-se a existência de 1.500 famílias, com suas precárias moradias instaladas em 370.503,26 m<sup>2</sup>.

Dependendo de ser o protagonista morador da favela ou o sem-teto que hoje ocupa o Jardim Progresso, há um denominador comum perpassando as falas: a precariedade das condições de vida, o desemprego, o alto preço do aluguel, frente a uma renda familiar raramente superior a três salários mínimos, a morosidade no processo para obtenção da casa própria, o não ter onde morar. Os recortes de alguns depoimentos dos sem-teto que hoje habitam o Jardim Progresso podem ilustrar as vicissitudes por eles enfrentadas na conquista das condições de vida possível na cidade:

Nossa, como foi difícil! Passamos até necessidade das coisas dentro de casa para comprar algumas... porque não é casa, você mesmo está vendo como é que é, só para não ficar mesmo no térreo (...) Se fosse para ir embora, não sabia como ir embora... Tinha de ficar ou na rua, ou na casa de amigos, ou onde fosse, tinha que ficar até arrumar um dinheiro pra ir embora. Aí o meu marido veio, fez aqui, fez um cômodo aqui e nós viemos pra cá sem

porta, sem vidro, sem nada, nada. Estamos aqui! (Aparecida, Jardim Progresso)  
(...) E outra também: eu vim pra cá não foi porque eu quis. Eu vim pra cá por causa do... vamos dizer... o que dizer... eu fui obrigado a vir para não ficar devendo pra ninguém. Porque, se eu fosse ficar onde estava, eu ia estar devendo o aluguel, podia estar devendo o remédio... (Antônio, Jardim Progresso)

À medida que a pesquisa foi se desenvolvendo, surgiu o desejo de apreender as representações das crianças com relação ao espaço onde vivem. Com a colaboração das escolas de Ensino Fundamental das redes estadual e municipal que atendem a clientela dos bairros compreendidos no universo da pesquisa, foi solicitado aos alunos de 4ª e 5ª séries que fizessem uma redação com o tema “Meu Bairro”. Escolhemos essas séries porque as crianças teriam entre 10 e 12 anos, com a possibilidade de apresentar domínio suficiente para a realização de uma redação própria.

Os textos revelaram uma das faces mais cruéis de exclusão social – crianças privadas do acesso aos bens básicos da vida. Maricato (1996) já assinalara: “A exclusão é um todo”. A caligrafia, a alfabetização precária e tardia são algumas das marcas que distinguem alunos do Jardim Progresso e da Favela do Zara dos estudantes de outros bairros.

Não é fácil proceder à leitura das redações. Leio, releio, não só para penetrar o significado do que quiseram expressar, mas também, para “decifrar” o que está escrito. Algumas redações são totalmente ilegíveis, e outras estão em branco. Alguns mal escrevem o nome. Outros, nem uma frase, apenas poucas palavras.

o meu sonho e ir pra bem loge daqui ir pra S.Paulo mora no Rio de Janeiru mais eu nunca vou conseguir sai da vida dura mesmo que consiga muda de cidade. (menina, 10 anos, Jd. Progresso)

Seria o confronto precoce com a “vida severina”, acrescido da clara percepção dos limites impostos pela exclusão social, o que levaria essa menina de 10 anos a afastar do seu horizonte uma vida melhor para o futuro? Que outros aspectos a levariam a sentir o lado duro da vida?

Eu axo do meu barro muito pirigoso porque os tarado fica lindanodinoiteedidia. (No final deste mesmo texto, uma frase apagada depois de escrita): eu brico de casinha cenboneca. (menina, 10 anos, Favela do Zara) (...) se não fosse ele (bairro), nós não estávamos vivos mais como a vida nos mostra força e saúde graças adeus nós estamos vivos. (menino, 9 anos, Jd. Progresso)

Nem fé, nem esperança, nem anseio de consumo ou de uma vida melhor. Tão somente força e saúde.

Ribeirão Preto, cidade encravada na região mais rica do nordeste paulista, polo de economia pujante para o qual convergem vultuosos investimentos, não fugiu à regra no tocante ao papel do Estado na valorização diferencial da terra, gerando um processo de especulação imobiliária e segregação espacial. Destacou-se, entre as conclusões da pesquisa, um panorama bastante concreto do universo onde se movem esses verdadeiros deserdados da cidade, segregados como se fora uma outra humanidade, habitando os “espaços opacos” da cidade.

Os resultados dessa pesquisa, que teve como fruto a publicação da obra “A cidade e seus limites: as contradições do urbano na “Califórnia Brasileira” (São Paulo: Annablume. FAPESP; Ribeirão Preto, 2004), reafirmam exemplarmente a abissal desigualdade existente em nossa sociedade, na qual a grande maioria da população, discriminada e estigmatizada vivencia o drama das marcas de sua origem e herança social: “as classes perigosas”, sofrendo os reflexos da hierarquia valorativa que divide seres

humanos em superiores e inferiores, melhores e piores.

Os dados colhidos desnudam o outro lado da “Califórnia Brasileira”, marcada por uma experiência brutal de desigualdade social. Entre os autores que se debruçaram sobre a questão da “segregação espacial”, Raquel Rolnik (1994), ao discorrer sobre a hierarquização do espaço, chama nossa atenção para as zonas populares – “setor degradado” onde os lotes são superocupados entre barro e esgoto a céu aberto e as zonas onde se localizam os palacetes dos ricos. “Grosso modo, os pobres amontoam-se em bairros precários e os ricos espalham-se em espaços monumentais”.

Lúcia Ribeiro de Souza e Renato Veras (1982), ao analisar as condições de vida e trabalho da população brasileira, afirmam que uma apreciável parcela, sobretudo os moradores das favelas e das periferias das grandes cidades, não chega a ter, na realidade, uma experiência concreta do que seja saúde. As carências que atingem as camadas menos favorecidas, como o estado de desgaste e o cansaço excessivo, vinculados principalmente ao peso do trabalho e à insuficiência de repouso; o regime alimentar, não só quantitativa, mas também qualitativamente deficiente; a tensão permanente ligada à preocupação com a insuficiência de salário; enfim, as condições de trabalho, transporte e moradia, juntas, fazem com que os setores populares tenham seu processo de saúde/doença diferenciado em relação aos demais setores da sociedade.

Como complemento das ideias acima, consideramos oportuno recorrer a um texto de Miguel Srougi, “Brasil, o ocaso de uma nação” (Folha de S. Paulo 14/08/2017), onde se refere a multidões de oprimidos pela pobreza que vão dormir sem saber se disporão de um prato de comida ao amanhecer.

“Milhões sem acesso à educação – legiões de famílias encurraladas pelo caos e pela violência urbana, que esfacelam o porvir e a vida de seus filhos. Amontoados humanos despencando nas portas impenetráveis dos hospitais públicos. Enfim, a banalização da vida em cada beco, por aqueles que nunca tiveram a chance de compreender o valor e os encantos da existência humana”.

As considerações acima alicerçam e dão relevo às manchetes dos últimos dias em torno da Covid-19 na periferia de São Paulo. Embora os bairros do centro expandido da cidade tenham a maior quantidade de casos confirmados, as mortes pela doença, confirmadas ou a confirmar, são mais numerosas na periferia. Falamos de milhões e milhões de seres humanos cujas vidas são ceifadas mundo afora. As grandezas com que tratamos são cifras e abstrações. Onde ficam as dimensões humanas? Parece-nos que a linguagem supostamente meridiana das cifras não basta, seja para abordar ou mesmo compreender questões cruciais pertinentes ao drama com o qual nos defrontamos.

Na morte de um homem, um mundo desconhecido está morrendo. Paralelamente ao sofrimento físico, inerente às intervenções do aparato tecnológico ao qual obrigatoriamente o paciente se submete, não nos é possível alcançar quais imagens, sonhos, preocupações, lembranças dolorosas ou coloridas estariam se apagando de seus olhos nos derradeiros dias. Se tão somente preocupações miseráveis, de uma vida de privações ou, se ressuscitado por uma ascensão de lembranças, o homem morre em toda sua plenitude.

Pedro Duarte (FSP, *Ilustríssima*, 13/10/2019, p. 6) chama nossa atenção para o fato de vivermos à sombra do diagnóstico que Hannah Arendt elaborou no início dos anos 1960 sobre a “banalidade do mal”.

“Para a pensadora, a origem do mal poderia se situar não só na malignidade subjetiva interior de alguém, mas na simples recusa em pensar o sentido do que se faz. O orgulho da banalidade reina soberana. Ela é ostentada positivamente. Ser estúpido virou moda. Vivemos a época do elogio da burrice. Por isso, todo pensamento é suspeito. Por isso, arte e cultura, assim como ciência e educação, são secundárias, perseguidas, censuradas”.

Como agravante, temos o presidente. A defesa da ciência e o culto ao humanismo têm sido incapazes de derrotar os ataques de ignorância e fanatismo desse ser ignóbil, ditatorial, desumano, egocêntrico e megalomaniaco (“Eu sou o Presidente. Eu sou o Poder. Eu sou a Constituição.”), incapaz de empatia, incapaz de se condoer com o sofrimento do outro.

Haverá porvir capaz de apagar a nódoa que nos envergonha? Que nos liberte das formas mais duras e pobres da captura de nossos espíritos? “Se o momento atual servir como catarse para que, ao invés de culparmos uns aos outros, haja responsabilidade política de todos, pode ser que tenhamos chance. Pois a história, como dizia Hannah Arendt, é sempre uma história sem nenhum fim, mas de muitos começos” (Eduardo Bueno, FSP, *Ilustríssima*, 13/10/2019, p.7).

Quando a vida escurece, é mister recorrer a algo ou alguém que nela lance luz, como Arendt, para que sejamos capazes de acreditar que há porvir além das trevas.

Exercício difícil. Caminho a percorrer. Ideal a perseguir.

---

## REFERÊNCIAS

---

CALVINO, Ítalo. Seis propostas para o próximo milênio. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FERNANDES, Maria Esther (coord.). A cidade e seus limites: as contradições do urbano na “Califórnia Brasileira”. São Paulo: Annablume: Fapesp; Ribeirão Preto: Unaerp, 2004.

MATOS, Olgária. Dramaturgia da recordação. Folha de São Paulo, São Paulo, 9agost. 2003. Jornal de Resenhas, Especial, p. 7.

ROLNIK, Raquel. São Paulo, início da industrialização: espaço e política. In: KOWARICK, Lúcio (Org.). As lutas sociais e a cidade: São Paulo, passado e presente. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

SOUZA, L.R; VERAS, R. Ideologia e saúde. In: IBASE – Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Org.). Saúde e trabalho no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1982.